

## Entrevista concedida ao Elóy Simões em setembro/2009

### 1. Fale sobre você (currículo, experiências pessoais e profissionais etc).

*Tenho uma forte descendência alemã e um pouquinho de italiano. Acho que consegui tirar um bom proveito dessa miscigenação, se por um lado pesa o perfeccionismo por outro o jeito mais descontraído já abriu muitas portas. Estudei o nível básico em escola pública, o segundo grau comecei em colégio de padres. Simplesmente detestava estudar em colégio de padres, talvez até por isso, tenha reprovado já na 6ª. série do ginásio. Eu queria muito a minha independência, por isso, saí do colégio e fui estudar em curso profissionalizante a noite e comecei a trabalhar. Eu tinha 16 anos, meu primeiro emprego foi em uma concessionária da Chevrolet. Num sábado de manhã, meu chefe me mandou buscar pão na padaria, de bicicleta. Eu achei aquilo muito deprimente, na semana seguinte, após 3 semanas de trabalho, deixei o trabalho. Logo em seguida, comecei a trabalhar em um tabelionato de notas. Lá fiquei quase 5 anos, o que me motivou a entrar no curso de Direito. Mas, eu queria mais, aos 19 anos, já tinha a minha empresa e logo em seguida comecei a viajar por Santa Catarina, como representante comercial. Também atuava como inspetor de qualidade em produtos têxteis junto com meu pai. Aí conheci o proprietário de uma empresa suíça que atuava como agente de compras de empresas na Europa, Estados Unidos e Canadá. Uma pessoa visionária e "workalcoholic". Em um dia ele me disse o seguinte: Ingo, você pode trabalhar conosco, desde que saiba falar um segundo idioma. Não tive dúvidas, vendi meu carro, juntei um dinheiro e comprei uma passagem de ida para Portugal. O ticket mais barato que consegui foi pela Air Marrocos. Uma loucura, no meio do atlântico tinha gente esticando tapetinho no corredor do avião virando para Meca para rezar, os travestis, tinha mais de 20 naquele voo, faziam uma bagunça intensa. Cheguei a Europa por Portugal e de ônibus e trem em 15 dias estava na Inglaterra. Em Dover, já na Inglaterra, o ônibus parou na imigração e todo mundo teve que sair, apresentar documentos, revistar malas, etc. Os caras encrencaram comigo, só comigo, queriam encontrar qualquer coisa para me mandar de volta. Como não encontraram, fui liberado, depois de mais de uma hora. Cheguei em Oxford no finalzinho do inverno e a minha primeira providência foi procurar um local para morar. Na Inglaterra tem muito indiano e para engordar a renda familiar eles alugam um quarto da casa. Foi em um desses locais que fiquei. Acertei o preço do aluguel, (lá se paga por semana) e já na segunda semana o proprietário da casa veio falar comigo, dizendo que teria que aumentar o preço do aluguel porque eu tomava muito banho. Ora, como bom brasileiro a gente toma banho pela manhã quando acorda e a noite antes de dormir, certo? Inglês toma banho no sábado, eventualmente, no meio da semana também. Bom, paguei mais uma semana de aluguel para ter o meu banho garantido e fui procurar um local para trabalhar. Logo no primeiro dia, encontrei um restaurante inglês na 15th North onde fiquei por quase 10 meses, trabalhando como lavador de*

*pratos, ajudante de cozinha e garçom, o melhor de tudo, tinha local para dormir e nenhum controle com relação aos banhos. Para melhorar ainda mais, ficava próximo de vários cursinhos de inglês onde eu podia fazer uma verdadeira imersão no idioma e na cultura inglesa, afinal, esse era o meu principal objetivo. Em dezembro de 1989, antes do inverno europeu, comprei um ticket de trem sem limite de quilometragem, cruzei a Europa de leste a oeste e norte a sul, com mochila nas costas, foram 18 países e muitas histórias. De volta ao Brasil, uma parada em São Paulo, e um convite para assumir o escritório de representação da empresa suíça no Rio Grande do Sul. A empresa tinha um negócio promissor na importação de calçados brasileiros e precisavam de alguém que os representasse e organizasse as coisas por lá. Não tive dúvidas, em janeiro de 1990 eu já estava em Porto Alegre assumindo o tal escritório, mas essa uma história longa....*

*Em novembro de 2000, aos 36 anos, casei com a Kênia e viemos para Florianópolis. Enquanto a Kênia terminava o seu curso de comércio exterior, eu trabalhava como consultor em uma incubadora de empresas da UFSC e logo depois ingressava no mestrado da Engenharia de Produção. O meu primeiro contato com a Unisul veio de uma tentativa de aproximação da incubadora da federal com a Unisul, queríamos ampliar o leque de opções e o meu contato foi o Mauro Madeira. Logo em seguida, surgiu a oportunidade de lecionar a disciplina de empreendedorismo no curso de computação da Unisul, a convite do Mauro. Depois, Sistemas de Informação, Administração e Nutrição. Em 2002, escrevi um projeto para implantação da pré-incubadora de empresas de base tecnológica da Unisul. O projeto foi apresentado a Fapesc, na época Funcitec, e foi aprovado. Assim, implantamos a nossa pré-incubadora que no momento passa por reestruturação completa e que deverá se tornar o tão sonhado parque tecnológico da Pedra Branca, com diversos parceiros de peso. Posso dizer que conquistei o meu espaço nessa universidade por mérito próprio, tive sim, ajuda de algumas pessoas que acreditaram em mim, me apoiaram e me deram oportunidade para fazer acontecer, acredito que estou fazendo a minha parte.*

## **2. Quando não está na Unisul, o que você faz?**

*Na Unisul, permaneço diariamente muito mais tempo do que gostaria. Não que eu não goste da Unisul, pelo contrário, essa instituição me recebeu de braços abertos há quase 8 anos atrás, me deu a chance de crescer profissionalmente e como pessoa e é aqui que faço o que gosto e ganho o meu dinheiro. Só que às vezes acabo me envolvendo de tal forma com o trabalho que o pessoal é deixado de lado, e isso não é bom.*

*Em fevereiro do ano passado comecei a construir uma casa na Pedra Branca, em dezembro, já estava morando. Aí, descobri que uma casa sempre tem alguma coisa pra fazer, o canil dos cachorros, a piscina que ainda está em fase de construção, o jardim que ainda não ficou do meu jeito germânico de ser, enfim, dá trabalho, mas também é um momento em que*

eu esqueço que existe celular e e-mail e a preocupação e responsabilidades do dia a dia.

Atualmente, a casa nos consome um bom tempo, primeiro porque não está totalmente pronta e muita coisa, nós mesmos temos que fazer e dar a nossa cara. Além disso, já tínhamos duas gatas, a Druschka e a Kyra, agora adotamos dois cachorros, o Buddy e o Kalil, ambos encontrados na Pedra Branca, o primeiro, ainda bem novinho, ficou quase trinta dias internado para reverter todas as “perebas” que tinha em cima dele, nosso medo era que contaminasse as gatas. Hoje, está com quase dois anos, dizem que é um Cocker do Paraguai, o que importa é que é um cachorro lindo e ele sabe o que fizemos pra ele e retribui diariamente. Essa bicharada também nos consome um bom tempo, mas vale a pena.

Cozinhar para mim é sinônimo de terapia, por isso, fizemos um espaço muito legal na casa para receber os amigos. O Nélio diz que é a praça de alimentação da casa do Ingo, as revistas de decoração dizem que é um espaço gourmet, enfim, é lá que a gente coloca em prática de forma bem democrática as alquimias gastronômicas para manter o pecado da gula, tem até fogão a lenha, tudo em um só espaço, integrado. Cada um que chega, coloca em prática sua experiência na cozinha, não há limite para a criatividade. O que importa é a boa comida, simples, honesta, com ou sem frescura, o clima de confraria, para reunir e socializar, acompanhada de um bom vinho.

Viajar é outra coisa que a gente curte bastante. Nada de avião, aeroporto, essas coisas, a gente gosta mesmo é de uma camionete, 6 cilindros, com bastante motor e conforto, colocar o pé na estrada sem grandes planos pré-estabelecidos. Uma pousada acolhedora, pode ser na praia, na montanha, ou qualquer lugar que nos “dê na telha”, é embarcar e esquecer da vida. Muito bom!.

### **3. Explique pra gente o que você faz como Coordenador de Programas de Gerenciamento Administrativo.**

Com o novo estatuto recentemente aprovado na Unisul, a figura do Coordenador do Programa de Gerenciamento Administrativo acabou mudando para Gerente Administrativo, apenas. Acho que alguém desconfiou que o nome era muito grande e poderia ser dito de outra forma ..... brincadeirinha. Fato é que agora, estou, Gerente Administrativo. Essa função concentra inúmeras atividades, é para lá que são canalizadas as reclamações que dizem respeito, por exemplo, a textura do papel higiênico (mais ou menos macio) ou um projeto para utilizar de forma mais eficiente determinado recurso, como por exemplo a energia elétrica ou serviços que nos consomem grandes somas como por exemplo a limpeza e segurança.

Compete a Gerência Administrativa coordena no campus as seguintes atividades:

*Almoxarifado, manutenção, transporte próprio e terceirizado, hospedagem de professores e funcionários em deslocamento de Tubarão para a Gde Florianópolis, e também visitantes. A Ger. Administrativa faz todos os lançamentos de notas dos gastos oriundos dessas atividades. A manutenção de toda a nossa estrutura de salas, auditórios, áreas administrativas, equipamentos, etc., requer acompanhamento diário de nosso pessoal de manutenção predial e elétrica. A idéia é melhorar o que for possível ou no mínimo, manter o que já conquistamos. Além disso, há os projetos de melhoria, como por exemplo o fluxo do trânsito no campus, que estamos implantando, aos poucos. Esses projetos, são de fundamental importância para a comunidade acadêmica, mas por se tratar de investimentos, o dinheiro, normalmente é curto e acaba sendo adiado o eliminado da pauta. Aos poucos, de tanto insistir estamos conseguindo demonstrar a necessidade e a viabilidade e estão acontecendo.*

*Vou lhe contar uma coisa que pouca gente sabe Elóy: Durante quase quatro anos, atuei profissionalmente no Rio Grande do Sul, com exportação de calçados. Minha principal atividade era a inspeção de qualidade de mercadorias destinadas à exportação. Na época, eu residia em Blumenau, onde nasci e viajava regularmente para a região do Vale dos Sinos, de avião ou de carro. A BR 101, na época, não era duplicada, mas já estava bem comprometida, para não dizer em frangalhos. Vencer de carro, o trecho que compreende a Gde Florianópolis, sempre foi um problema, mas era também impactante o descaso municipal, estadual e federal com a região de Palhoça. Vindo de São José em direção a Palhoça pela BR-101 um pouco antes do acesso a São Pedro de Alcântara, não me canso de olhar a deslumbrante paisagem da Serra do Tabuleiro, o Cambirela à esquerda e a Pedra Branca à direita e toda a cadeia de montanhas sempre verdes em contraste com o azul do céu. O lusco-fusco do fim de tarde, transforma tudo em dourado, é uma paisagem que impressiona pela beleza. Em contra-partida, Palhoça, os bairros e as ruas sempre sofreram um grande descaso por parte do poder público, além disso, a cultura trouxe para cá, pessoas com pouca ou nenhuma preocupação com a beleza, a natureza, o saneamento, etc. Hoje, Palhoça é bem diferente do que há 10 anos atrás, mas dá uma volta pelos bairros da cidade, pode ser a Ponte do Imaruim, você vai se impressionar com a quantidade de lixo e até móveis (estantes e sofás) jogados nas calçadas e nos terrenos vazios. Nunca entendi como alguém pode fazer uma coisa dessas, mas é assim que as coisas funcionam por aqui. É um total desrespeito com o outro e consigo mesmo.*

*A Pedra Branca, onde o campus está inserido, é um local privilegiado, tomara que não seja contaminado pelas áreas adjacentes, seria um prejuízo muito grande. Todo dia, quando chego ao campus, fico imaginando o campus numa situação mais próxima do ideal, com gramados, árvores, calçadas, áreas de convivência, meio-fio pintados, pátios e estacionamentos calçados, salas de aula e laboratórios equipados, pintados e renovados, pedestres e veículos respeitando a sinalização e o espaço dos outros. Quando eu passava pela BR 101 em direção ao Rio Grande do Sul, muitas vezes eu pensava comigo mesmo, o último lugar em que vou morar*

*um dia é em Palhoça. Mordi a língua, o destino me reservou um espaço na Unisul e hoje estou morando na Pedra Branca, continuo tendo vergonha de dizer que moro em Palhoça, por isso, meu carro continua emplacado em Florianópolis. O nome não me agrada, chega ser pejorativo. A geografia de Palhoça é deslumbrante, praias, montanha e o entorno, por que não poderia ter um nome como Cambirela, Pedra Branca, Guarda do Embaú? Tenho um carinho muito grande pela Pedra Branca e o campus da Unisul, todo dia, eu e a minha equipe trabalhamos para deixar isso aqui um brinco.*

#### **4. Você é especialista em empreendedorismo. Como você reconhece um empreendedor?**

*Caro Eloy, afirmar que sou especialista é um pouco de exagero. Conceitualmente, é pacífico o entendimento de que empreendedor é o indivíduo que consegue perceber e criar oportunidades de negócios, fazer uso e até mesmo desenvolver uma série de conhecimentos, habilidades e atitudes utilizados no exercício de uma função para alcançar os objetivos que ele próprio estabeleceu. Daí decorre também, a possibilidade de termos um empreendedor no sentido daquele que estabeleceu como objetivo o desenvolvimento de um negócio, produto, serviço e a criação da própria empresa. Mas, o que dizer por exemplo, daqueles que poderiam se encaixar no mesmo conceito, porém, trabalhando como funcionários em uma empresa. Criou-se a partir daí muita discussão e a figura do intra-empendedor ou empreendedor corporativo. Se, por um lado, o conceito é pacífico, na prática, pode-se encontrar empreendedores que desenvolvem essa atividade de forma totalmente empírica e, ainda assim, com grande sucesso. O Brasil é um país de extremos. Em livro didático que escrevi recentemente para a Unisul Virtual em parceria com o Prof. Thiago Soares – Introdução a Gestão de Micro e Pequenas Empresas, o Brasil detém uma das mais altas cargas tributárias do mundo, se não a maior. Isso naturalmente se reflete em toda a cadeia produtiva, na própria economia do país e no bolso do cidadão. “O termo informal é usado para denominar os empreendedores que produzem bens e serviços legais, mas que se afastam das regulamentações do Estado em decorrência dos elevados custos trabalhistas, previdenciários e tributários, segundo conceito tomado do relatório do Small Business Council – UK “Os Pequenos Negócios na Economia Informal: fazendo a transição para a economia formal”, elaborado pelo Professor Collim Williams, em 2005.*

*Se pararmos para pensar, do caminho de casa até o trabalho quantos vendedores de amendoim e pipoca encontramos pelo caminho? São pessoas que em algum momento tiveram que optar por alguma forma de trabalho e renda para garantir a própria sobrevivência.*

*A partir do nascimento da empresa, ou seja, a partir do momento do registro na Junta Comercial e emissão do CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica) por parte da Receita Federal está apta para negociar, comprar e vender mercadorias, produtos e / ou serviços e obrigada ao pagamento de todas as taxas, contribuições e tributos, independente do faturamento mensal. Isso, naturalmente acontece em todo o mundo, porém no Brasil a*

*carga é excessivamente alta, sendo que parte significativa das micro e pequenas empresas que ainda estão em fase de consolidação acabam entrando em colapso antes mesmo de completar cinco anos de vida. Esse gigantesco setor brasileiro compreende 10,5 milhões de empresas operadas por 9,5 milhões de contas-próprias (86%) e 1,5 milhão (14%) de empregadores. Desses últimos, 37% estão registrados como micro e pequenas empresas, segundo o relatório “Economia Informal Urbana elaborado pelo Sebrae em 2005.*

*A concorrência nesse setor é intensa, pois trata da própria subsistência das pessoas. Nela, a competitividade é espúria, não há observância às instituições legais, a formação educacional e profissional é mínima, o emprego tem qualidades precárias e as relações sociais e com o Estado são deterioradas. Uma primeira característica desses empreendedores é o individualismo exacerbado praticado no setor informal por se tratar de pessoas com foco em estratégia de sobrevivência e não na vocação empresarial ou na oportunidade de negócio. A formação escolar é fundamental para operar em mercados competitivos formais. No segmento das micro e pequenas empresas 44% dos empresários concluíram o ensino médio e 34% ingressaram no ensino superior. Por sua vez, para aqueles que atuam na informalidade o índice de escolaridade é muito baixo, pois 65% dos empreendedores não passaram do ensino fundamental e apenas 4% têm curso superior. Essa dinâmica requer educação continuada ao longo da vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo inovar e se preparar para um mundo cada vez mais dinâmico e integrado pela globalização. Quem sabe, nesta esteira, possamos encontrar cidadãos e empreendedores mais bem preparados e que possam promover políticas tributárias mais justas permitindo a elevação do nível de empreendimentos legalmente constituídos (formais) e a melhor distribuição de renda.*

*Essa introdução, meu caro Eloy, lhe apresentei para justificar que a sua pergunta, apesar de simples e objetiva, não permite uma resposta igualmente simples e objetiva, visto que, o assunto é complexo.*

*Em sala de aula, na disciplina de empreendedorismo, a maior carga de trabalho solicitada aos alunos, reside na elaboração de um plano de negócio de um empreendimento, seja ele fictício ou não. Como sempre deixo claro aos meus alunos, não tenho a pretensão de transformar alunos em empreendedores em apenas 60 horas aula. Nossa obrigação enquanto instituição de ensino superior e o professor, aí entendido como articulador do processo, é alertar os alunos para uma mudança de cultura já em andamento, em relação ao emprego tradicional, aquele com carteira de trabalho, etc. e fazê-los enxergar que há possibilidade de reinventar o trabalho seja como dono do próprio negócio ou mesmo trabalhando de forma pró-ativa na empresa em que estão atuando.*

*No primeiro dia de aula, pergunto aos meus alunos: quem dos presentes se vê dono do próprio negócio num prazo de 5 ou 10 anos? Normalmente, 15 a 20% dos alunos responde positivamente.*

*Bom, eu ainda não respondi a sua pergunta, vamos lá:*

*Normalmente, reconheço um empreendedor por algumas características pessoais, visivelmente demonstradas nos primeiros minutos de contato. Todas, pessoais, ou seja indelegáveis e relacionadas a atitude do indivíduo.*

*A inquietude talvez seja a mais evidente. Nas vezes em que convido um empresário para conversar com uma turma de alunos o encontro é sempre muito aguardado pelos alunos e pelo próprio empresário. Eles interagem com a turma de forma efusiva, utilizando todos os recursos disponíveis e improvisando sempre que necessário. Ele está sempre gesticulando os braços, as mãos, conversando com todos como se já os conhecesse a muito tempo. Tem grande dificuldade em ficar sentado diante dos alunos, normalmente estão andando no meio dos alunos como parte do grupo. As suas histórias estão sempre repletas de uma lista interminável de compromissos e uma agenda super apertada, mas ainda assim, com um tempinho disponível para mais um compromisso. Há uma evidente necessidade de realização pessoal e demonstrar para si mesmo que é possível fazer de forma diferente, com melhores resultados.*

*O empreendedor demonstra grande confiança nas suas idéias e atitudes e procura convencer os outros de que este é o caminho mais adequado a ser trilhado. Demonstra pró-atividade e não espera pelos outros, ele faz acontecer.*

*Esses, talvez sejam os principais sinais emitidos por um empreendedor.*

## **5. O que é preciso para ser um bom gestor?**

*A **instrução formal**, certamente contribui para que o gestor exerça suas funções dentro da organização. Tal formação, não se resume apenas a graduação, mestrado e doutorado, mas se estende por capacitações que podem agregar valor e “fazer a diferença” no exercício da atividade profissional. Ser gestor em uma universidade é algo ainda mais complexo, pois as singularidades da academia exigem ainda mais **conhecimento generalista e multidisciplinar**, visto que, a administração de uma universidade apenas superficialmente se parece com uma empresa privada. Grande parte dos gestores da universidade são oriundos da própria academia, são professores, que em determinado momento demonstraram inclinação e/ou competência para exercer cargos de gestão e foram convidados para tal. Se, por um lado, possuem amplo embasamento teórico e “respiram a academia” na teoria e na prática, por outro, distanciados das práticas de mercado precisam se **reciclar constantemente** e adequar as suas práticas às necessidades do mercado. Um exemplo da distância entre a academia e o mercado pode ser verificada no prazo de resposta às demandas, enquanto o mercado trabalha com dias, a academia, de modo geral, trabalha com semestre. Esse fato nos leva a entender alguns “conflitos” visto que, para exercer suas atividades, o gestor precisa se **articular** no meio acadêmico, pois é de lá que virá a resposta para os nossos “clientes”, alunos, empresas e o mercado de forma geral. Se essa*

resposta não vier na mesma velocidade que as outras partes esperam, certamente, estará instalada uma área de conflito. Isso nos remete a outra característica importante, paciência. **Paciência e saber negociar** conflitos e necessidades para o seu grupo de trabalho e para a instituição que representa o que pode exigir o exercício de **humildade** na justa medida de um pedido de desculpas frente ao reconhecimento de um erro. Um bom gestor, ao meu ver, só pode exercer de forma completa as suas atividades, se estiver **comprometido** com a instituição, da mesma forma que **agrega** a sua equipe pessoas, também, comprometidas. O gestor precisa **desenvolver idéias e atitudes, ouvindo muito**, desde a moça da limpeza até o reitor, e convicto de suas opiniões, **falar apenas quando puder contribuir de forma construtiva. Analisar e desenvolver visão sobre o todo**, exige **observação, leitura e conversa**. Certamente, algumas características aqui elencadas não esgotam o assunto, mas o processo de gestão, como quase tudo na vida, pode ser facilitado com o uso do **bom senso**.

## 6. Vamos supor que você pudesse reorganizar o ensino. O que você faria?

*Elóy, no meu mestrado, orientei a minha dissertação para uma pequena parte do assunto relacionado ao empreendedorismo que trata das bases para um programa de treinamento orientada para a formação de empreendedores, através do desenvolvimento de competências, centrada nas atividades do indivíduo frente a organização. Para responder a sua pergunta vou apresentar um pouco de embasamento teórico que para mim, fica fácil, pois apresentei algumas dessas questões na minha dissertação e naturalmente, um pouco da minha posição e experiência como docente.*

*É cada vez mais forte a pressão e a influência das forças do ambiente externo na vida das organizações. Este ambiente, além de suas ambigüidades e contradições, é cada vez mais instável, surpreendente, imprevisível e em processo contínuo de transformações. As iniciativas para criação e manutenção de novas linhas de produtos ou serviços terão que se apoiar, cada vez mais, nas necessidades e aspirações do mercado e, cada vez menos, na capacidade operativa das máquinas e da infra-estrutura produtiva das organizações, montadas em função do seu negócio.*

*A identificação dessas novas necessidades e a percepção desse estado de mudanças trouxeram, também para a educação, algumas reformulações, que ainda correm na contramão de uma tendência mundial, uma vez que, a maioria dos cursos universitários brasileiros ainda insiste em preparar seus alunos para a busca do emprego.*

*MARCOVITCH (1998), entende que ainda há uma grande lacuna entre a universidade existente e a desejada, sendo que a questão cultural vem tomando cada vez maior vulto nesta discussão. Tomando-se o termo cultura em sentido pleno, encontra-se a universidade como a sua mais completa e fiel tradução, sendo que a pesquisa científica, o ensino e a extensão do conhecimento à comunidade em forma de serviços tornam a instituição acadêmica um abrigo mais que perfeito para o convívio intelectual, contudo,*

*as universidades brasileiras ainda buscam um modelo definitivo de política cultural.*

*A formação de bons profissionais com diploma de terceiro grau vem sendo, para a maioria da sociedade, o único aspecto relevante da “missão acadêmica” na expectativa de que a universidade seja o grande instrumento de coesão social, e de que ela cumpra este papel através de suas áreas dedicadas à criação de competências para que as organizações sejam mais competitivas.*

*Para MILLS, FRIESEN (1992) a universidade deve formar lideranças, agentes de mudanças, homens e mulheres dispostos a assumir riscos para construir, inovar e possibilitar as mudanças exigidas pela “nova economia”, baseada no conhecimento.*

*O modelo de ensino universitário tradicional, voltado para a formação do aluno visando à conquista de empregos cumpriu a sua missão. Esgotou-se, diante das profundas alterações nas relações de trabalho e produção, uma vez que, a tendência emergente exige novos métodos de treinamento, diferentes papéis para o professor e formas alternativas de interação com os alunos.*

*O jovem que procura a universidade buscando o conhecimento acaba também encontrando nela um quadro de referências para sua vida futura e desenvolvendo habilidades para usar o saber, tendo em vista a análise e a solução de problemas do mundo real.*

*A universidade tem, ainda, o papel de formar a cidadania desenvolvendo a inquietude do ser social contribuindo para que cada jovem que integra a universidade se torne, para o meio onde vive, uma fonte de energia para as transformações históricas.*

*A universidade como um exemplo de sistema de formação antes preocupada em formar bons profissionais em áreas específicas de atividades, é desafiada a formar profissionais com cultura mais ampla e com capacidade não apenas de encontrar soluções para as necessidades da sociedade, mas também de implementá-las.*

*Aprender não significa adquirir mais informações, mas sim expandir a capacidade de produzir os resultados que realmente queremos na vida.*

*Nesse sentido, a tarefa do professor é cada vez mais difícil, porque a geração dos anos 80, que está chegando à universidade, foi intensamente estimulada por novos meios de comunicação de massa.*

*Diante de tantas mudanças conjunturais, o momento exige um repensar da universidade e do seu papel e um trabalho de profundidade há de ser desenvolvido para que os alunos, depois de graduados, sejam, não apenas especialistas em determinadas áreas, mas verdadeiros agentes críticos dentro da comunidade.*

*A formação cultural de base, a adoção de um sistema de valores e a vivência prática são determinantes no preparo dos agentes de mudanças que se formam na universidade.*

*São várias as características do sistema educacional, não só no Brasil, mas na grande maioria dos países, que vêm contribuindo para o fracasso da escola em sua tarefa de promover condições favoráveis ao desenvolvimento de um conjunto maior de competências relacionadas à futura atividade profissional dos alunos.*

*O ensino continua voltado predominantemente para a reprodução do conhecimento, não havendo uma preocupação maior em projetá-lo para o desenvolvimento das competências que na prática, irão interferir no cotidiano dos indivíduos que buscam na escola, e em especial na universidade, o embasamento necessário para se inserirem no mercado de trabalho, que na maioria das instituições de ensino, se traduz na tentativa de transferir conhecimentos e chega ao aluno através de uma carga considerável de material teórico.*

*Naturalmente, o material teórico é a base e a essência para a tão sonhada construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências necessárias ao exercício das atividades do indivíduo, mas também, é justamente nesse ponto que aparece uma verdadeira avalanche de críticas dos profissionais envolvidos com a educação, os quais, defendem, que o efetivo desenvolvimento ocorre através da interação do indivíduo com o problema.*

*Se tal interação for considerada como verdade, então precisamos repensar a educação como um todo, não apenas em nível universitário. Esse repensar inicia em tenra idade, quando o indivíduo começa a absorver as manifestações do meio em que vive, pela transferência dos ensinamentos e experiências dos pais e pessoas mais próximas e até mesmo pelos prepostos dessa atividade, seja a escola ou até mesmo a televisão, regularmente utilizada de forma cômoda como “babá eletrônica”.*

*Em sala de aula, o que encontramos é um contingente significativo de alunos que não conseguem entender o que lhes é solicitado. Isso pode ser verificado nos trabalhos extra-classe e principalmente nas avaliações. Alunos, simplesmente não conseguem interpretar textos. Sem melhorar drasticamente a qualidade de seu ensino básico, o Brasil ficará cada vez mais para trás na corrida pela competitividade, especialmente em áreas que envolvem novas tecnologias e valor agregado a produtos e serviços.*

*Se o padrão educacional de base no país fosse melhor, como um todo, com certeza o desempenho dos alunos na graduação, seria outro.*

*Infelizmente, o Brasil continua gastando mal os recursos que aplica. Incentivar a criação de novas universidades, limitar a entrada de alunos por cotas é mais uma política equivocada para não dizer inócua diante de tantas mazelas enfrentadas pela educação nesse país. Não há que se “reinventar a roda”, apenas observar o que de melhor existe em outros países, adequar a nossa realidade e “fazer acontecer”.*

*Tomemos como exemplo a Coreia do Sul, 40 anos atrás, a renda per capita da Coreia do Sul era a metade da do Brasil, e as taxas de analfabetismo de ambos eram próximas dos 35%. Hoje, o país asiático, com 40 milhões de habitantes, exporta o dobro do Brasil - e, em sua maior parte, produtos de alto desenvolvimento tecnológico. Já a renda por habitante é mais de duas*

vezes a brasileira. O analfabetismo foi praticamente zerado, enquanto aqui ainda se avizinha de 13%. O assunto foi tratado em reportagem da "Update" na edição de abril/09.

*Peculiaridades históricas e culturais à parte, o principal mecanismo propulsor da transformação da Coreia do Sul num dos "players" de alta competitividade do cenário mundial foi a revolução educacional que o país vem empreendendo, sem tréguas, desde a década de 60. Hoje, os Sul-Coreanos têm perto de 3 mil produtos patenteados internacionalmente, e os brasileiros, cerca de 220. "Só um verdadeiro salto de qualidade na educação, em todos os níveis, poderá mudar isso".*

*A comparação com o caso clássico da Coreia do Sul mostra bem o descompasso do Brasil. A revolução educacional na Coreia, começou pela base, no ensino fundamental, com uma lei que tornou o ensino básico prioridade. Os recursos foram concentrados nos primeiros oito anos de estudo, tornados obrigatórios e gratuitos, como são até hoje. O ensino médio tem 50% de escolas privadas e as faculdades são todas pagas, mesmo as públicas. Bons alunos têm bolsa de estudos e o governo incentiva pesquisas estratégicas. O fato é que logo depois da reforma da Educação, a economia da Coreia começou a crescer rápido, em média 9% ao ano durante mais de três décadas. E hoje, graças à multidão de cientistas que o país forma todos os anos, a Coreia está pronta para entrar no primeiro mundo, tendo como cartão de visitas uma incrível capacidade de inovação tecnológica.*

*A valorização e a atualização permanente dos professores, desde o ensino básico, constituíram uma das principais alavancas do processo. Lá, a média salarial de um docente do ensino fundamental equivale a US\$ 4 mil, bem diferente da realidade brasileira, o professor de educação infantil deve ter mestrado completo, são atualizados e avaliados a cada dois anos, e trabalha em regime de dedicação exclusiva. Se o aluno não aprende, o professor é reprovado. Tudo isso num país que nos anos 50 estava destruído por uma guerra civil que dividiu a Coreia ao meio, deixou um milhão de mortos e a maior parte da população na miséria. Surpreendentemente, em números absolutos, sem considerar o tamanho da população, ¼ do Brasil, a diferença entre o que cada um dos dois países investe em educação não é tão grande: 6,8% do PIB na Coreia do Sul e 5,2% no Brasil. Mas enquanto o país asiático concentra o investimento público no ensino fundamental, o Brasil privilegia o nível superior, relegando a base da pirâmide - "a porta do conhecimento".*

*Não é, portanto, de surpreender a classificação brasileira em último lugar em matemática e ciências nos testes educacionais Pisa (Programa Internacional de Avaliação do Estudante, na sigla em inglês), promovidos pela OCDE, nos quais recentemente a Coreia do Sul obteve a segunda colocação, ficando atrás apenas do Japão.*

*Se estivesse nas minhas mãos a mudança do ensino nesse país, certamente, a primeira coisa que eu faria, seria compor uma comissão de expoentes nas mais variadas áreas do conhecimento que teriam a atribuição de viajar pelo mundo durante seis meses em busca dos modelos de ensino disponíveis. Como resultado deveriam apresentar um*

*planejamento estratégico a ser implantado no Brasil. Muito provavelmente, esses estudos indicariam a necessidade de um grande investimento no ensino de base. Disciplinas como, português (leitura, redação), matemática (lógica), história, geografia, artes, filosofia, pelo menos um idioma (lido, escrito e falado) seria obrigatório (inglês, espanhol, alemão, francês, italiano, mandarim) e uma modalidade esportiva, certamente seriam privilegiadas. Professores seriam incentivados a formação continuada, com ênfase em áreas específicas que se dispõem a lecionar e complementarmente, reciclando-se periodicamente nas didáticas de ensino. O professor só entraria em sala de aula se realmente demonstrasse formação mínima em nível de mestrado (concluído ou cursando) e as avaliações seriam anuais. A remuneração estaria atrelada a um plano de cargos e salários, condizente com a formação e a capacidade do professor na formação de seus alunos. Professores, poderiam ter outros incentivos como redução na alíquota do IR retido na fonte, bolsa de estudos para aprimoramento, etc. Os alunos, por sua vez, permaneceriam em tempo integral em sala de aula e os que apresentassem os melhores resultados seriam convidados a ingressar em um programa de educação permanente, com vaga garantida e gratuita nas melhores universidades brasileiras e a possibilidade de permanecer em uma universidade estrangeira com bolsa integral e o compromisso de retornar ao país e aplicar os seus conhecimentos em programas específicos e estratégicos para o país e que fossem concebidos por comissão de notório saber. As salas de aula seriam reconstruídas dentro de um modelo que privilegie o interesse espontâneo do aluno em estar naquele espaço e participar ativamente da construção do seu conhecimento, por meio de tecnologias que facilitem esse processo. Se pudéssemos fazer essas mudanças no ensino de base, certamente, os que chegassem a universidade estariam em condições bem mais adequadas da realidade que encontramos em sala de aula. Paralelamente, teríamos que afastar as pessoas da TV, programas do tipo “Xou da Xuxa” e “Fantástico”, deveriam ser retirados do ar, pois empobrecem as pessoas e criam uma verdadeira legião de alienados.*

**7. Que sugestões você tem para os coordenadores, professores os alunos, a fim de que eles tirem o melhor proveito possível da Universidade?**

*Quando eu era pequeno, meu pai me dizia que eu sempre deveria questionar, perguntar o por que das coisas. Provavelmente, é a forma que ele encontrou para me dizer que eu deveria ser um “eterno inconformado”. Perguntar “por que” para tudo e principalmente para todos, provavelmente me levaria ser conhecido como um “chato”, não que eu não seja “chato” para alguns, mas com certeza, a passividade e o aceitar simplesmente por aceitar, com certeza não faz parte do meu DNA.*

*A universidade, para mim, é local de “construção de conhecimento por excelência” como diriam as nossas queridas assistentes pedagógicas. Para construir, é preciso estudar, conhecer, criar massa crítica, discutir, defender pontos de vista, negociar, aceitar, reconhecer que a idéia do outro também pode ser uma verdade. Em sala de aula, me frustro quando questiono os*

*alunos e depois de algum tempo de espera, ninguém responde nada. Como isso é possível, me pergunto. Devolvo aos alunos a pergunta: Vocês não entenderam a pergunta? Querem mais algum esclarecimento? Não tenham medo de falar e de errar, hoje, essa pergunta não vale nota. Nas avaliações que vierem pela frente, vou questionar a mesma coisa de outra forma, e gostaria de dar “10” para todos vocês, portanto, soltem o verbo. Na minha aula, ninguém vai rir de ninguém, por mais absurda que seja a resposta. Geralmente, consigo algumas contribuições a partir daí, mas ainda assim, é pouco. Gostaria de ter em sala de aula, alunos mais inconformados com o “statu quo”. Não estou me referindo ao inconformismo gratuito, político partidário, baderneiro e sem discernimento.*

*Um bom exemplo aconteceu quando eu era aluno do curso de Direito: Foi um daqueles dias em que as conversas paralelas se tornaram mais interessantes que a fala do professor. A disciplina era importante, direito processual civil, o professor um desembargador de cabelos brancos, já aposentado, mas muito reconhecido no meio e querido por todos. No meio da aula, o professor simplesmente parou de falar, fechou o seu livro e esperou que a turma voltasse e lhe dar atenção. Então disse: Já sou aposentado, tenho meu escritório de advocacia, estou aqui porque gosto de lecionar e porque achava que poderia contribuir com a formação dos senhores, vejo que me enganei. Agradeço pela oportunidade e desejo sucesso a todos, boa noite! E saiu da sala. Na semana seguinte, a turma inteira foi a casa do professor em carreata, uma comissão designada pela turma se pronunciou com um pedido formal de desculpas e que ele, o professor, reconsiderasse a decisão de não mais lecionar para a nossa turma. Ele retornou e na formatura foi o paraninfo.*

*Grande parte dos meus colegas professores são da minha faixa etária e em muitos casos, mais velhos. São pessoas maduras, que conquistaram seu espaço pela dedicação, a formação e as experiências de vida. Essa diferença de idade (professores e alunos), poderia sugerir “conflito de gerações”, mas, ainda que ela exista, o que é até natural, penso que é uma visão simplória e atenuante para um problema bem maior, o afastamento da família (pai e mãe) no processo de formação do indivíduo. Parte significativa dos alunos que nos chegam estão perdendo cada vez mais a noção dos valores, do respeito e da educação com seus colegas de classe, com professores e consigo mesmo. Quando, ao final do semestre, uma mãe, liga para o coordenador “exigindo” que seu “filho querido” seja aprovado em uma disciplina na qual não obteve nem nota e nem presença mínima, alguma coisa está muito errada no processo de formação dessa mãe e por consequência, do filho. Isso, já aconteceu comigo. Nesse caso, o coordenador manteve a minha posição de reprovação, até o final. Essas questões, não podem ficar a cargo apenas da escola, pois são anteriores a ela e permeiam o indivíduo em tempo integral, não apenas em sala de aula.*

*Aos alunos, sugiro que leiam pelo menos um livro por semestre e pratiquem a redação. Uma das maiores dificuldades que encontro em sala de aula é a capacidade de interpretação de textos e a capacidade de se expressar de forma escrita e verbal. Vou dar um exemplo: As minhas disciplinas exigem*

*muita redação e construção de idéias, são essencialmente escritas. Tive uma aluna com grande dificuldade de redigir, as coisas mais simples, para ela, era um grande problema, não dava pra entender o que ela queria dizer. Ela estava visivelmente chateada, não com a disciplina e nem comigo, mas com a sua incapacidade de se expressar. Eu, então, perguntei a ela: Você quer mesmo ser aprovada nessa disciplina, comigo? A resposta foi positiva. Nesse caso, disse a ela, faça o seguinte: Tranque a sua matrícula nessa disciplina, e a partir de hoje, vá para a biblioteca e leia tudo o que lhe interessar, leia muito e para cada página lida, redija um resumo de 3 a 5 linhas do que você entendeu sobre o assunto, faça isso diariamente e quando se sentir preparada, volte para concluir essa disciplina. Jamais pensei que ela faria o que sugeri, mas o fato é que quatro ou cinco semestres depois, a aluna voltou, concluiu a disciplina e escreveu em sala de aula um bom plano de negócio. No final do curso, me convidou para fazer parte da sua banca de avaliação de TCC e fiz questão de elogiá-la publicamente.*

*Alguns aspectos podem ser citados em relação a esse exemplo: O professor precisa ter respeito consigo mesmo, com a sua formação, com os professores, seus colegas dos próximos semestres e com o aluno e dizer a ele (o aluno) que ele ainda não está pronto e que será reprovado e reprovar mesmo. Ajudar o aluno a encontrar o seu caminho, afinal, nem todos tem a mesma capacidade, amadurecimento e discernimento. Me assusto quando vejo a lista de uma turma de 30 alunos fixada em um mural com média de notas em torno de 9 ou 9,5, será?*

*O aluno precisa entender que uma das formas mais eficientes de aprender é exercitar. Por isso, não adianta reclamar que há muitos trabalhos, há muitos exercícios, há muita pesquisa e há muitas avaliações. Para de reclamar e de procurar as “muletas” para justificar a sua incapacidade de ser um bom aluno. Cumpra o seu horário em sala de aula, deixe de lado as conversas paralelas, as piadas, o MSN, e aproveite o seu tempo em sala de aula para aprender, estudar, crescer e construir o seu futuro.*